



# **Eucaristia: uma análise acerca dos seus efeitos crístico e eclesial**

*Eucharist:  
an analysis of its Christ-like and ecclesial effects*

*Luis Gustavo da Silva Joaquim*

## **Resumo**

Os sacramentos fazem parte essencial do modo de ser e agir da Igreja, estando intimamente ligados à sua identidade e missão no mundo. Por serem ações simultaneamente de Cristo e da Igreja, os sacramentos possuem uma dupla dimensão: a visível, por meio de sinais sensíveis e rituais litúrgicos; e a invisível, que comunica a graça divina, especialmente a graça pascal, fruto da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por essa razão, não podem ser reduzidos a simples atos religiosos ou tradições culturais, pois são verdadeiros acontecimentos crísticos e eclesiais, que tocam profundamente a vida espiritual e comunitária dos fiéis. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância de se redescobrir a centralidade da Eucaristia na vida cristã. É preciso retomar a consciência de que o sacramento eucarístico, ao mesmo tempo simbólico e real, expressa não apenas a fé da comunidade reunida, mas também seu compromisso concreto com a transformação da sociedade à luz do Evangelho.

**Palavras-chave:** Eucaristia. Crístico. Eclesial.

## **Abstract**

The sacraments are an essential part of the Church's way of being and acting, intimately linked to its identity and mission in the world. Because they are simultaneously actions of Christ and the Church, the sacraments possess a dual dimension: the visible, through tangible signs and liturgical rituals; and the invisible, which communicates divine grace, especially the Paschal grace, the fruit of the passion, death, and resurrection of Jesus Christ. For this reason, they cannot be reduced to simple religious acts or cultural traditions, for they are truly Christ-like and ecclesial events that profoundly touch the spiritual and community life of the faithful. This article aims to reflect on the importance of rediscovering the centrality of the Eucharist in Christian



life. It is necessary to rediscover the awareness that the Eucharistic sacrament, at once symbolic and real, expresses not only the faith of the gathered community but also its concrete commitment to the transformation of society in the light of the Gospel.

**Keywords:** Eucharist. Christic. Ecclesial.

## Introdução

O termo “sacramento” enquanto tal possui sua origem histórica no âmbito militar latino. Remete ao rito de iniciação militar dos romanos comprometendo-se de modo total ao imperador por meio de um sinal impresso no corpo do soldado. Desse modo, o sacramento indica a presença de um compromisso por meio de uma consagração. Os latinos preferiram traduzir para *sacramentum* o que no grego referia-se ao *mysterion*.

É notável a reforma litúrgica e de compreensão sacramental que o Concílio Vaticano II presenteia o mundo, sobretudo com a Constituição *Sacrossanctum Concilium*. Neste documento, salienta-se a importância de que todos os fiéis participem ativamente da celebração eucarística e não simplesmente “assistam”. E para isso, é necessário crescer também a consciência daquilo que se faz e celebra. Logo, a consciência eucarística que o Vaticano II recupera é de que o sacrifício na Missa não somos nós que oferecemos como se tivéssemos méritos para isso, mas nós presentificamos, isto é, tornamos presente, aquele único e mesmo sacrifício oferecido por Jesus Cristo no altar da cruz, realizado, uma vez por todas, para a nossa salvação.

Desse ponto de vista, é importante a reflexão proposta neste estudo: diante da crescente sacramentalização dos cristãos, que alimenta gestos sentimentalistas que buscam a eucaristia como um amuleto e não pelo que de fato ela é, urge pensar na dimensão do compromisso que exige tal sacramento, afinal de contas, do ponto de vista do gesto simbólico, o partir do pão e o distribuir do cálice evoca a doação de vida pelo outro que Jesus realizou na sua cruz e ressurreição.

### 1. Eucaristia: o sacramento do Mistério Pascal de Cristo

Já é sabido que Sacramento é um sinal sensível e eficaz de graça, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo.<sup>1</sup> Outrossim, para que uma realidade seja sacramento é necessário que se tenha correspondência entre a graça invisível e sua representação sacramental visível; relação entre gesto e palavra; relação entre sacramento e convivência, pois, se os sacramentos são ações de Cristo e da Igreja em favor da pessoa humana, então não se pode haver sacramento pleno, se quem o recebe não tem uma

---

<sup>1</sup> DS 1601; 1613.

convivência com Cristo e com a Igreja. Convivência esta que, por sua vez, aponta para um compromisso, pois todo sacramento prolonga seus efeitos para a vida cotidiana.

Foi o Concílio de Trento que afirmou dogmaticamente os sete sacramentos e sua instituição por Cristo.<sup>2</sup> O ponto central dessa afirmação está na iniciativa divina, de modo que Cristo é a origem dos sacramentos, isto é, estão todos fundamentados e enraizados nele. Assim, o Mistério da Salvação trazido por Jesus Cristo aconteceu uma vez por todas e para sempre. Contudo, este mesmo mistério se prolonga na história por meio da Igreja que é, por sua vez, sacramento vivo de Cristo e da salvação realizada nele. Portanto, “a Igreja tem nos sacramentos alguns momentos privilegiados em que exprime, celebra e realiza esta salvação, em ações que são, ao mesmo tempo, de Cristo e da comunidade cristã”.<sup>3</sup> Ainda que Cristo seja a origem dos sacramentos,<sup>4</sup> esta instituição se dá não por *ipsissima verba Iesu*.

Sabemos que há quatro relatos bíblicos acerca da instituição da eucaristia: 1Cor 11,23-26, Mc 14,22-25, Mt 26,26-29 e Lc 22,15-20. Trata-se, na verdade, de quatro relatos acerca da última ceia de Jesus com os seus discípulos antes de sofrer sua Paixão, Morte e Ressurreição. Os sinóticos apresentam este fato como uma celebração coincidente com o dia da Páscoa dos judeus, enquanto o texto joanino deixa compreender que foi um dia antes dessa festa. Esta é a primeira controvérsia sobre o assunto. Todavia, independente dela, a narrativa da última ceia de Jesus com seus apóstolos apresenta uma dimensão gesto-ritual que conforma e antecipa a sua paixão e morte. Não raro, Marcos e Mateus apresentam Jesus dizendo, ao partir o pão, “isto é o meu corpo” (Mc 14,22; Mt 26,26), ao passo que Paulo e Lucas acrescentam “que é dado por vós” (1Cor 11,24; Lc 22,19).

Esta ceia, realizada por Nosso Senhor com seus apóstolos, seguia o antigo rito judeu, foi uma “*Séder de Pessach*”: uma solene refeição sacrificial pascal. Celebrando a Ceia Pascal com seus discípulos na noite de quinta-feira santa, Jesus antecipou a Páscoa oficial dos judeus e a presidiu como chefe da família dos discípulos. Na sexta-feira, à mesma hora em que os cordeiros pascais estavam sendo sacrificados no Templo, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” consumou sua entrega amorosa na cruz (Jo 19,35-36). Foi o encontro entre símbolo e realidade, pois, o sacrifício tornou-se perfeito (Hb 10,10). Havia, desde os tempos de Esdras (450 a.C.), um cerimonial pascal, recordando ritualmente o fato histórico da libertação do povo da escravidão (Ex 12,1-28).

A instituição dos sacramentos, como a da Igreja, é algo constante, permanente, expressão do “estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). De fato, em geral a palavra “instituição” sugere um ato punctiforme no passado. Mas então a Igreja – e com ela os sacramentos – estaria sujeita a

---

<sup>2</sup> DH 1601.

<sup>3</sup> PISO, A., Igreja e Sacramentos, p. 245.

<sup>4</sup> TABORDA, F., Sacramentos, práxis e festa, p. 117.

desaparecer com o passar das gerações, pela vontade dos homens, da mesma forma que desaparece com o tempo uma sociedade criada por homens para cultivar a memória de algum personagem eminente.<sup>5</sup>

Ora, isto não acontece com a Igreja e os sacramentos porque realmente são instituições divinas. É como uma árvore que, para se manter viva, necessita de raízes também vivas. De modo análogo, se a Igreja e seus sacramentos permanecem atuantes e produzindo frutos, é porque a raiz, que é Cristo, permanece Ressuscitado e agindo pelo seu Espírito. Conclui-se que, quaisquer buscas por fontes escriturísticas de instituição *ipsissima verba* no Jesus pré-pascal é insuficiente, afinal de contas, os sacramentos só tem sentido depois do Mistério Pascal de Jesus.

Resgatando o sentido dos judeus, Jesus inaugura o novo e definitivo sentido para a Páscoa. Assim, aproveitando-se da concepção judaica de páscoa, ele deseja celebrar com os seus discípulos em Jerusalém (Lc 22,15). Presidindo a ceia, que seria a sua última nesta terra, ele antecipa em rito aquilo que viveria de fato dentre algumas horas. Tendo amado os seus, amou-os até o fim (Jo 13,1).

“Isto é o meu corpo... Isto é o meu sangue” (Lc 22,19-20; Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; 1Cor 11,23-25). Jesus se dá como alimento na última ceia porque se deu por inteiro no alto do madeiro da cruz. Por amor a nós e obediência filial ao Pai, ele entrega sua vida livremente (Jo 10,18). Ele morreu por nós porque viveu por nós.

Fazer memória deste feito é o motivo de nossa salvação, uma vez que o ato de fazer memória é muito profundo porque parte do mandato do próprio Senhor: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Fazer memória (*Zikkaron*, no hebraico) é trazer para o hoje da nossa história aquele mesmo, único e verdadeiro sacrifício de Jesus na cruz. Contudo, a morte não tem a sua palavra última neste mistério de amor. Tudo, absolutamente tudo (até mesmo o sofrimento), tem o seu sentido revelado com a glorificação de Jesus pela ressurreição. Assim, para os cristãos, a Páscoa liga-se à passagem da Morte para a Vida, sentido último do Mistério Pascal, pois como Cristo morreu e ressuscitou, por este mesmo mistério, nós somos também libertados da morte e reconduzidos à Vida Eterna, afinal de contas, “nunca, depois disso, a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal”.<sup>6</sup>

Portanto, a liturgia dos sacramentos e sacramentais faz com que a graça divina, que deriva do Mistério pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, onde vão buscar a sua eficácia todos os sacramentos e sacramentais, santifique todos os passos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição. A ela se deve também que não deixe de poder ser orientado para a santificação dos homens e para o louvor de Deus o bom uso das coisas materiais.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> TABORDA, F., Sacramentos, práxis e festa, p. 118.

<sup>6</sup> SC 6.

<sup>7</sup> SC 61.

Fica evidente, pois, que a fé pascal torna-se uma condição necessária para todos os sacramentos. Fé esta que ilumina a concepção dogmática tridentina de Transubstanciação.<sup>8</sup> Ora, chama-se assim, grosso modo, a conversão do pão e vinho em Corpo e Sangue. Conforme esta doutrina muda-se, pois, a substância ou essência das espécies do pão e do vinho, ainda que os seus acidentes, isto é, aparência, cor, cheiro e sabor permaneçam de pão e vinho.

## 2. Eucaristia: o sacramento que significa e realiza a unidade da Igreja

Gerardi define a eucaristia como sacramento central da Igreja, isto é, centro do culto e da vida cristã. Também conforme Taborda, o sujeito dos sacramentos, ou seja, aquele que os realiza, é toda a comunidade em sua unidade e pluralidade, onde cada um atua conforme a função que o Espírito Santo lhe deu.<sup>9</sup> Mas, na Igreja e por meio da Igreja, é Cristo mesmo por seu Espírito que nos aproxima do Pai.

A incorporação em Cristo, realizada pelo Batismo, renova-se e consolida-se continuamente através da participação no sacrifício eucarístico, sobretudo na sua forma plena que é a comunhão sacramental. Podemos dizer não só que cada um de nós recebe Cristo, mas também que Cristo recebe cada um de nós. Ele intensifica a sua amizade conosco: «Chamei-vos amigos» (Jo 15,14). Mais ainda, nós vivemos por Ele: «O que Me come viverá por Mim» (Jo 6,57). Na comunhão eucarística, realiza-se de modo sublime a inabituação mútua de Cristo e do discípulo: «Permaneci em Mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15,4). Unindo-se a Cristo, o povo da nova aliança não se fecha em si mesmo; pelo contrário, torna-se «sacramento» para a humanidade, sinal e instrumento da salvação realizada por Cristo, luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-16) para a redenção de todos. A missão da Igreja está em continuidade com a de Cristo: «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21). Por isso, a Igreja tira a força espiritual de que necessita para levar a cabo a sua missão da perpetuação do sacrifício da cruz na Eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Deste modo, a Eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente vértice de toda a evangelização, porque o seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, n'Ele, com o Pai e com o Espírito Santo.<sup>10</sup>

Sabe-se, neste ínterim, que a Igreja deriva da Última Ceia e, desse modo, deriva da morte e ressurreição de Cristo, por Ele antecipadas no dom do seu corpo e do seu sangue.<sup>11</sup> Nesse sentido, Jesus declara que terá seu corpo entregue (Lc 22,19) e seu sangue derramado (Lc 22,20; Mc 14,24). A oferenda da última ceia é o próprio Jesus como o servo de Deus, que padecerá uma morte expiatória. Este é o Deus que se fez um de nós em tudo, exceto no pecado (Hb 4,15) para nos resgatar da morte, dando-nos

---

<sup>8</sup> DH 1642.

<sup>9</sup> SC 28.

<sup>10</sup> EE 22.

<sup>11</sup> RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, p. 130.

a vida; e vida em abundância (Jo 10,10). Jesus deu-se em alimento e, portanto, Eucaristia é vida e compromisso.

Não à toa que o Concílio Vaticano II (1962-1965) a declarou como “fonte e ápice de toda a vida cristã”,<sup>12</sup> até porque é o sacramento que contém o próprio Cristo, nossa Páscoa.<sup>13</sup> Desse modo, Cristo vive na Igreja que, por meio de seus sacramentos, comunica a salvação» (Mt 26, 26.27), entraram pela primeira vez em comunhão sacramental com Ele. Desde então e até ao fim dos séculos, a Igreja edifica-se através da comunhão sacramental com o Filho de Deus imolado por nós: «Fazei isto em minha memória [...]. Todas as vezes que o beberdes, fazei-o em minha memória » (1Cor 11, 24-25; cf. Lc 22, 19).<sup>14</sup>

Quando a Igreja celebra a eucaristia e se alimenta do Corpo e Sangue de Cristo, ela forma um só corpo com aquele que se tornou para nós salvação (1Cor 1,30): “Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (1Cor 10, 17)”;<sup>15</sup> esta é a presença dinâmica de Cristo nos sacramentos<sup>16</sup> e que se dá por ação do Espírito Santo:

A Igreja é assim sacramento-raiz ou sacramento fundamental, porque toda graça sacramental é mediada pela Igreja. Nela se enraízam os sacramentos, como manifestações da graça de Deus atuando por Cristo no Espírito Santo na vida das pessoas. Enquanto sacramento-raiz, a Igreja constitui e faz os sacramentos. Dela brotam os sacramentos, como os ramos de um arbusto são sustentados por sua raiz. Mas vale também o inverso: a Igreja é feita pelos sacramentos, como a raiz necessita dos ramos para ter sentido e ser fonte de vida.<sup>17</sup>

Outrossim, a eucaristia torna visível o que é ser Igreja: comunhão fraterna em torno ao Cristo presente e a partir dele. Tanto é verdade que podemos dizer que, pela comunhão eucarística, “não só que cada um de nós recebe Cristo, mas também que Cristo recebe cada um de nós”.<sup>18</sup> Cumpre-se, pois, a afirmação de Jesus: “permanecei em mim e eu permanecerei em vós” (Jo 15,40), pois “toda celebração supõe uma comunidade que se reúne para celebrar, porque compreende o sentido da celebração e comunga com seu conteúdo”.<sup>19</sup>

Todavia, há algo que pode ferir esta comunhão: o pecado. “Aos germes de desagregação tão enraizados na humanidade por causa do pecado, como demonstra a experiência quotidiana, contrapõe-se a força geradora de unidade do corpo de Cristo.

---

<sup>12</sup> LG 11.

<sup>13</sup> CIGC 1324.

<sup>14</sup> EE 21.

<sup>15</sup> LG 3.

<sup>16</sup> SC 7.

<sup>17</sup> TABORDA, F., Sacramentos, práxis e festa, p. 169.

<sup>18</sup> EE 22.

<sup>19</sup> TABORDA, F., Sacramentos, práxis e festa, p. 145.

A Eucaristia, construindo a Igreja, cria por isso mesmo comunidade entre os homens”.<sup>20</sup> Engana-se quem pensa que a Igreja deseja excluir da comunhão eucarística os fiéis que estejam em pecado grave. Do contrário, o próprio sujeito se auto-exclui desse modo, afinal de contas, o pecado é uma ruptura com Cristo e, desse modo, uma ruptura também com o seu corpo eclesial.

O simbolismo eucarístico, se nos faz compreender bem o efeito próprio do Sacramento, que é a unidade do Corpo Místico, não explica todavia nem exprime a natureza que distingue este Sacramento dos outros. A instrução dada constantemente pela Igreja aos catecúmenos, o sentido do povo cristão, a doutrina definida pelo Concílio Tridentino e as mesmas palavras que usou Cristo, ao instituir a sagrada Eucaristia, vão mais longe: obrigam-nos a professar “que a Eucaristia é a Carne do nosso Salvador Jesus Cristo, a qual sofreu pelos nossos pecados e foi ressuscitada pelo Pai na sua benignidade”. Às palavras do mártir Santo Inácio apraz-nos acrescentar as de Teodoro de Mopsuéstia, neste particular testemunha fiel da crença da Igreja: “O Senhor não disse: Isto é o símbolo do meu Corpo e isto é o símbolo do meu Sangue, mas, Isto é o meu Corpo e o meu Sangue, ensinando-nos a não considerar a natureza visível que os sentidos atingem, mas a (crer) que ela pela ação da graça se mudou em carne e sangue.”<sup>21</sup>

O pecado fere, antes de tudo, a unidade; e quem não está unido, automaticamente está separado, isto é, excluído.

### 3. Graça crística e eclesial: a reviviscência sacramental na eucaristia

Já ficou claro que os sacramentos são ações de Cristo e da Igreja, que se dirigem ao homem, em sua situação real e concreta. Desse modo, a expressão latina *ex opere operato* que significa “em virtude do ato realizado”, indica justamente a eficácia objetiva que existe nos sacramentos. Em outras palavras, o ministro, mesmo em pecado grave, desde que realize o essencial e com a intenção de fazer o que a Igreja faz<sup>22</sup>, confere validamente o sacramento. Esta é a graça eclesial, que não significa mágica, pois, a fonte da graça não está na materialidade da ação sacramental, mas em ser ela ação de Cristo pelo Espírito Santo, na Igreja.

Contudo, urge refletir também sobre a graça crística da eucaristia, isto é, a dimensão subjetiva dos efeitos sacramentais:

A essência dos sacramentos só se realiza, se à vontade de encontro sacramental de Cristo, através de sua Igreja, corresponder uma resposta religiosa positiva de quem o recebe, exprimindo sua vontade de graça na visibilidade do mesmo ato simbólico eclesial.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> EE 24.

<sup>21</sup> MF 46.

<sup>22</sup> DH 1611-1612.

<sup>23</sup> SCHILLEBEECKX, E., Cristo, sacramento do encontro com Deus, p. 149.

É o teólogo Schillebeeckx quem apresenta dois níveis dos sacramentos: o objetivo e o subjetivo. Em outras palavras, trata-se do descompasso entre o sacramento válido e o sacramento frutífero. Seguindo a doutrina do *ex opere operato*, para que o sacramento seja válido, fala-se da dimensão eclesial; e para que seja frutífero no sujeito que o recebe, fala-se da dimensão crística: “O fato de que esse sacramento recebe seu pleno efeito, desde que desapareça o obstáculo, é chamado, de maneira figurativa, mas discutível, de ‘reviviscência do sacramento’”.<sup>24</sup> É Cristo, por meio do sacramento de sua Igreja quem comunica esta graça no sujeito, desde que não haja obstáculo, por isso, chama-se graça crística. O fato é que ambas as dimensões precisam caminhar juntas, sobretudo, quando se trata do sacramento da eucaristia.

Esse reviver sacramental não é uma doutrina definida como dogma da Igreja, no entanto, é considerada universalmente aceita e relacionada com o *ex opere operato* e com a doutrina dos sacramentos que não podem ser repetidos, pela presença do caráter indelével, que são: o batismo, a confirmação e a ordem.

A problemática surge quando se identifica uma crise de esvaziamento no sentido dos sacramentos, isto é, a falta de eficácia crística. Ora, os sacramentos podem sempre ter uma eficácia de eclesial, desde que tenha sido celebrado na intenção da Igreja; que identifica quem o recebe como membro da Igreja institucional. Todavia, nem sempre tem a eficácia da cristificação do sujeito receptor. É o que sentimos no trato com o povo: são católicos, seguem as práticas religiosas católicas, mas suas vidas têm pouco ou nada a ver com Cristo e seu modo de proceder.

Não se deve separar a ação de Deus no sacramento de suas múltiplas formas de ação de vida. Deus age nos sacramentos, não porque esteja preso a eles ou não aja na vida (práxis), mas exatamente porque com sua graça age na vida constantemente. A vida no seguimento de Jesus é a verdade dos sacramentos. Nela se verifica (mostra e faz verdadeiro) o que acontece nos sacramentos. E por sua vez nos sacramentos se afirma, assimila, impulsiona, condensa e plenifica o que acontece no seguimento histórico de Jesus. Por isso não há sacramentos sem fé, não há fé sem sacramentos.<sup>25</sup>

A dimensão do compromisso é muito importante nesse sentido, para que não se reduza a prática pastoral da Igreja a uma mera “sacramentalização” das pessoas; mas, ao contrário, que haja uma correta evangelização por meio da eficácia dos sacramentos validamente celebrados. Eis o centro de toda reflexão: na atual realidade em que grande parte das comunidades paroquiais olha a eucaristia como mágica ou amuleto, onde fica a dimensão crística do compromisso? Não se pode reduzir o grandioso fruto da eucaristia.

A experiência eclesial é fundamental, como experiência sacramental, experiência de mediação autêntica. A Igreja é sacramento, e não pode pretender mais do que isso. Ela está para manifestar

<sup>24</sup> SCHILLEBEECKX, E., Cristo, sacramento do encontro com Deus, p. 142.

<sup>25</sup> TABORDA, F., Sacramentos, práxis e festa, p. 137.

em sua corporeidade diversificada, a presença do Senhor e possibilitar sua atuação em favor de cada membro no mundo. A Igreja é res et sacramentum. A graça da eclesialidade é a primeira que surge, mas não é a última. Ela deve possibilitar e remeter para a graça crística. Todas as suas atuações, e de forma densa as atuações sacramentais, devem conduzir as pessoas à experiência pascal do Senhor. Dessa experiência decorre o mandato missional do qual todos participam de forma diversificada de acordo com os dons e ministérios que o Espírito suscita.<sup>26</sup>

Neste ponto da reflexão, emerge outra questão: se pode acontecer um efeito eclesial, mas insuficientemente crístico, tornaria inválida a eucaristia? Obviamente que não. Daí a reflexão de Schillebeeckx com a reviviscência sacramental. Isto é, a partir desta compreensão, pode-se assumir que os efeitos da eucaristia no sujeito que a recebe, ainda que não sejam produzidos no momento da recepção, pode ser levadas a efeito em outro momento, de modo que aquela eucaristia não foi, digamos, “perdida”.

Portanto, a Eucaristia, bem como todos os sacramentos validamente celebrados, comunica a graça da eclesialidade e a graça crística. Este é o serviço que toda comunidade paroquial necessita olhar com atenção para as celebrações comunitárias e para a formação litúrgico-catequética.

Jesus, na última ceia, não se limitou a dizer: “Este é o meu Corpo, este é o meu Sangue”; em vez disso, ele fez os gestos e pronunciou essas palavras com um propósito: para distribuir aquela comida e aquela bebida entre os comensais e serem também consumidas por eles. Quer dizer: à afirmação de que este pão é o seu Corpo e que o vinho é o seu Sangue, o seu consumo na ceia festiva e fraterna pertence teológica e ritualmente, como uma única ação litúrgica. E, ainda mais, este consumo visa alimentar a vida interior e a fidelidade ao seguimento de Cristo por parte de quem o faz, não só individualmente, mas como Igreja, Corpo de Cristo. Não basta considerar a transubstanciação em si, sem fazê-la juntamente com sua finalidade.<sup>27</sup>

Buscando esta correta compreensão sacramental, pode-se trabalhar a dimensão do compromisso cotidiano e social que implica na comunhão do Corpo e Sangue de Jesus Cristo, uma vez que a eucaristia não deve ser vista como amuleto ou qualquer coisa do tipo, mas “o essencial do cristianismo é a vida engajada no seguimento de Jesus em prol dos irmãos, especialmente dos pobres, em vista da construção do Reino”.<sup>28</sup>

Urge, pois, desenvolver a compreensão da eucaristia enquanto sacramento de fé e de alimento para que o seu duplo efeito, crístico e eclesial, aconteçam integralmente em todo aquele que a recebe. E, desse modo, a ceia que foi dada temporalmente se deu uma vez por todas, sacramentalmente, pela obra do Espírito Santo, “em sua memória” todas às vezes e em todos os lugares que os cristãos celebrarem sua fé “até que Ele venha” (1Cor 11,26).

---

<sup>26</sup> PISO, A., Igreja e Sacramentos, p. 212.

<sup>27</sup> ROSAS, G., A Eucaristia, s/p.

<sup>28</sup> TABORDA, F., Sacramentos, práxis e festa, p. 147.

## Conclusão

Jesus Cristo é o autor da graça sacramental porque ele é o sacramento fontal da salvação. No entanto, falar da instituição dos sacramentos por Jesus Cristo não é falar da mesma forma sobre todos os sacramentos, pois, vemos sinais bíblicos claros sobre alguns, ao passo que sobre outros, há referências implícitas. A instituição dos sacramentos está aplicada à Igreja, enquanto sacramento primordial de Cristo, até porque, Cristo instituiu, mas não inventou tudo. Desse modo, a instituição dos sacramentos é fruto de uma série de atos, gestos e palavras de Jesus Cristo.

O fato é que os sacramentos, enquanto atos de Cristo e da Igreja, possuem um duplo efeito: a graça eclesial e a graça crística. Isso significa que sempre produz o efeito eclesial, mesmo que não produza o efeito crístico pessoal. Daí que os sacramentos possuem seu efeito *ex opere operato*, isto é, independem da santidade do ministro. É preciso, contudo, que o mesmo ministro tenha a intenção de fazer o que a Igreja faz. Em relação ao sujeito que recebe, é necessário que tenha a intenção livre de receber o sacramento. É nesse sentido que podemos afirmar que não existe vida cristã sem vida de Igreja.

Ora, é na comunidade e com a comunidade que somos alimentados na Palavra, acolhemos a Palavra e professamos a Palavra feita carne. Assim, Palavra e sacramento possuem íntima relação. Jesus continua derramando seu amor e comunicando a sua graça na Igreja pela vida de comunidade, na vivência dos sacramentos e de sua Palavra. Posto isto, somente na comunidade é possível criar a consciência e as disposições que para viver internamente os sacramentos como o Concílio Vaticano II insistiu: numa participação plena, ativa e consciente.<sup>29</sup> Por isso, todo tipo de intimismo, subjetivismo ou exibicionismo, que tratam a eucaristia como um simples amuleto, não pode ter espaço na vida comunitária. Ademais, mesmo com as fragilidades, singularidades e qualidades, a comunidade é um só corpo cuja cabeça é Cristo (2Cor 1,22-23); prova de que o Espírito Santo continua enviando os seus dons e tornando todos participantes da mesma língua, da mesma comunidade e da mesma graça vital, isto é, o amor (At 2,1-6).’

## Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. Paulus: São Paulo, 1997. p. 101-198.

---

<sup>29</sup> SC 14.



CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997. p. 539-594.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrossanctum Concilium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. Paulus: São Paulo, 1997. p. 33-86.

GERARDI, Renzo. Verbetes “Eucaristia”. In: **Lexicon - Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2003.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia***, 17 abr 2003. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_20030417\\_eccle-de-euch.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccle-de-euch.html)>. Acesso em: 08 mar. 2025.

PAULO VI, Papa. ***Mysterium Fidei***, Carta Encíclica sobre o culto da Sagrada Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1965.

PISO, Alfeu. Igreja e Sacramentos. **Renovação da Teologia Sacramentária na América Latina**. Tesi Gregoriana. Roma: PUG, 1995. (Serie Teologia, 3).

RATZINGER, Joseph Aloisius. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

ROSAS, Guillermo. **A Eucaristia**, 30 de dez. de 2020. In: THEOLOGICA LATINOAMERICANA ENCICLOPÉDIA DIGITAL. Disponível em: <<https://teologicalatinoamericana.com/?p=2079>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SCHILLEBEECKX, Eduard. **Cristo, sacramento do encontro com Deus**. Vozes: Petrópolis, 1968.

TABORDA, Francisco. **Sacramentos, práxis e festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

***Luis Gustavo da Silva Joaquim***

Graduando em Teologia pelo Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto  
Brodowski / SP – Brasil  
E-mail: [luisgustavodasilva2016@gmail.com](mailto:luisgustavodasilva2016@gmail.com)

Recebido em: 23/05/2025  
Aprovado em: 22/08/2025